



Artigos

O BARCO VAI SE LEVANDO RETRATO DE UMA IMIGRANTE BRASILEIRA EM PARAMARIBO, SURINAME

Carolina Carret Höfs*

Neste artigo está o retrato de uma brasileira que imigrou para o Suriname. Neste recorte de sua trajetória, revela-se o papel e a influência das mulheres entre os imigrantes brasileiros na cidade de Paramaribo. No Suriname, elas se tornaram agentes cruciais no processo de etnicização da identidade brasileira, algo fundamental para a integração desses imigrantes à estrutura plural da sociedade surinamesa. Para tanto, é necessário ter dois planos de fundo. Um concernente ao grupo de imigrantes provenientes do Brasil que moram na cidade, em aspectos relacionados às suas ocupações cotidianas e seus ritmos de vida. O outro plano focaliza a sociedade surinamesa e o modo como estrutura seus grupos sociais e suas correspondentes identidades étnico-culturais.

Palavras chave: imigração; identidade; sociedade plural.

This article is about a Brazilian woman who went to Surinam. In this portrait of her trajectory, the author shows women's role and influence among Brazilian immigrants living in Paramaribo. In Surinam, they became crucial agents for the integration of this group into the ethnically plural structure of the Surinamese society. To comprehend this task, it is necessary to have a picture of the Brazilian immigrants

* Bacharelado em Antropologia na Universidade de Brasília. Trabalha o tema das imigrações desde 2000. O artigo é desenvolvido a partir da pesquisa de campo e dissertação de mestrado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília.

who are nowadays in that country and also one of the Surinamese society and how its social groups are framed into ethnic-cultural identities.

Keywords: *immigration; identity; plural society.*

Tudo o que Luísa sabe sobre sua rotina é que ela é muito cansativa. Todos os dias, quando amanhece, ela já vai para o seu bar. Quando se separou do marido, recebeu ajuda de uma amiga para montar seu próprio negócio e aí está até hoje.¹ Chega cedo para abrir e cuidar da clientela da manhã, do abastecimento de bebidas, da comida para o almoço e das festas que acontecem à noite.

Ao lado do bar, separado apenas por uma porta interior, está também uma loja de roupas, que seu filho ajuda a cuidar. Tudo que se vende ali é trazido do Brasil, pelo filho, a cada dois ou três meses.

Depois do bar aberto, deixa o irmão com a responsabilidade de tomar conta do local e dos clientes, para que ela possa, ainda de manhã, ir pagar as contas de água, de luz, comprar mercadorias ou voltar para a faxina da casa, onde mora com o marido e três filhas. A manutenção da casa é ela quem faz: lava, varre, arruma, cozinha.

Afazer domésticos terminados, Luísa volta ao bar. Lá fica durante todo o dia e toda a noite. A uma ou duas horas da madrugada, dependendo do movimento e da clientela, volta para casa para dormir um pouco e levantar cedo no dia seguinte, pronta para a mesma rotina. “E assim, vou levando minha vida aqui. Vou levando meu barco”.

O bar de Luísa é referência para a maior parte dos imigrantes que conheci. É conhecido por seus pagodes animados aos sábados à noite e pelos concursos de rainha do Carnaval. E, embora sua localização possa ser considerada fora da conhecida Klein Belém,² o bar marca os seus princípios geográficos e mantém uma constante comunicação com o seu cotidiano.

Klein Belém é o apelido da área onde há maior concentração de

¹ Explorei ambos aspectos em minha dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília em Outubro de 2006. Faz-se importante aqui observar que muitas das palavras e construções de frase utilizadas por mim são transcrições e adaptações para a terceira pessoa de coisas ditas pela própria Luísa. A pesquisa de campo da qual saem os dados contidos neste artigo foi realizada entre dezembro de 2004 e fevereiro de 2005. Desde que parti de Paramaribo, não consegui contatar muitas das pessoas que lá conheci, o que inclui Luísa.

² O comércio foi uma espécie de mapa para a minha pesquisa e, portanto, grande parte de meus interlocutores possuem ou trabalham em supermercados, salões de beleza, bares, restaurantes, ourivesarias, lojas de roupas, de compra e venda de ouro, pensões e centrais de rádio. Faço uma análise mais detalhada dessa questão em minha dissertação de mestrado: HÖFS, Carolina. *Yu kan vertrow mi. Você pode confiar*. Dissertação de mestrado apresentada para obtenção do grau de mestre em Antropologia, PPGAS-UnB, outubro de 2006. Disponível em: <http://www.unb.br/ics/dan>.

comércio e moradias de brasileiros em Paramaribo.³ Hoje, os próprios imigrantes estimam que vivam no Suriname entre 40 e 50 mil brasileiros. Dados apresentados pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE) do governo brasileiro mostram que, no ano de 2001, o número de brasileiros no Suriname era de 20.015.⁴

A região batizada de Klein Belém faz referência à origem de grande parte desses imigrantes e ao modo como a cidade de Belém do Pará, no Brasil, se torna referência para os que estão tanto em Paramaribo como nas zonas de garimpo. Há quem venha da capital, mas diz-se que grande parte das pessoas é mesmo dos interiores do Pará e do Maranhão.

Entretanto, há uma diferença que recai sobre o recorte ideológico que se faz quanto ao gênero dos brasileiros que estão no Suriname. Correntemente, é dito que as mulheres vêm de Belém do Pará e os homens do interior do Maranhão, haja ou não correspondência com seus locais de nascimento de fato. O que esse recorte de gênero esconde, entretanto, é também uma associação ao universo masculino do garimpo como algo que apenas a masculinidade do maranhense conseguiria enfrentar. Por sua vez, a cidade de Paramaribo é algo para quem veio de outra urbe como Belém, algo tomado como uma esfera do feminino.

Essa associação fica clara quando das conversas surgem as figuras das prostitutas brasileiras que estão hoje no Suriname, mais conhecidas como *plocs*. Aquelas que vão para o mato trabalhar nos bordéis das *currutelas*⁵ são identificadas como vindas do interior do Maranhão. Porém, muitos afirmam que, antes da ida para o mato, essas mesmas mulheres trabalhavam nos clubes da cidade. E, entretanto, na cidade as mulheres são primeiramente identificadas como vindas de Belém do Pará.

Segundo indica Arouck,⁶ a imigração brasileira para as Guianas é conseqüência dos processos de expansão política e econômica da fronteira agrícola das regiões norte e nordeste do Brasil, uma conseqüência da

³ Paramaribo é capital do Suriname, localizado no extremo norte da América do Sul. Em 2004, a população do Suriname foi estimada em 480 mil habitantes, que residem nos dez distritos administrativos em que o país está dividido. A cidade de Paramaribo, capital do país e do distrito do mesmo nome, está localizada próxima à costa e na foz do Rio Suriname – um dos rios de maior circulação de mercadorias e pessoas. Ali estão concentradas aproximadamente 250 mil pessoas, o que representa pouco mais da metade da população estimada. Esta cidade apresenta um cenário onde impera a diversidade pela qual o Suriname é famoso.

⁴ Fonte: Serviço Consular e Comunidades Brasileiras no Exterior, Ministério das Relações Exteriores, 01/08/01. Entretanto, esses números são imprecisos, pois são calculados com base nos registros e cadastros do consulado brasileiro em Paramaribo, o que é debilitado devido à situação irregular em que se encontra grande parte dessas pessoas e, por essa mesma razão, não se apresentam às autoridades.

⁵ *Currutela* é como são chamados os acampamentos no garimpo.

⁶ AROUCK, Ronaldo. *Brasileiros na Guiana Francesa*. Novas migrações internacionais ou exportação de tensões sociais na Amazônia?

complexa combinação entre práticas econômicas instáveis e sazonais – como a agricultura e a mineração – e políticas do Estado brasileiro.

Esses mesmos processos de expansão social, política e econômica na região norte brasileira, transformaram a cidade de Belém do Pará em um centro cosmopolita da região Amazônica e das Guianas. Uma pessoa com que conversei afirmava constantemente, em tom crítico, que os brasileiros pensam que “Belém é o centro do mundo”. Sua afirmação parece corroborar o espaço de centralidade que a cidade ocupa na região transnacional das Guianas Ribeiro.⁷

A cidade se tornou a principal porta de saída do Brasil para a região guianense e para o Caribe e também referência e destino para comerciantes brasileiros e surinameses. De Belém, eles trazem para o Suriname equipamentos eletrônicos; antenas parabólicas; máquinas diversas para o garimpo; comidas típicas, como a goma da tapioca e frutas da Amazônia; incluindo roupas e pequenos utilitários domésticos.

Essa conjuntura da região norte entrelaça trajetórias de muitos dos imigrantes que conheci e fazem da atividade mineradora motor e pano de fundo das suas vidas no Suriname. Além disso, o garimpo é conhecido por ser uma prática muitas vezes isolada ou periférica a outras atividades econômicas. Como é também um universo de significados marcados pela masculinidade, as mulheres desempenham papéis e representam valores peculiares que, embora subordinados à figura masculina, têm grande importância.

Muitas mulheres atravessaram a fronteira rumo ao Suriname em razão de seus casamentos com garimpeiros ou de trabalhos satélites à garimpagem. Muitas eram *marreteiras* – como são conhecidas as pessoas que fazem comércio informal nos garimpos, a chamada *marretagem* – outras eram donas de cantinas, cozinheiras, prostitutas.

Muitos imigrantes tiveram o “mato”⁸ como princípio de sua vida no Suriname e logo depois, se estabeleceram na cidade. Para muitos, a cidade surgiu como possibilidade de investir os lucros da exploração do ouro. O mercado consumidor garimpeiro é muito amplo e, à época, o país não possuía um comércio que suprisse suas demandas. Era preciso investir em maquinários, suprimentos, roupas, medicamentos, ourivesarias, locais para compra e venda do ouro, hospedagens, lazer, entre outros.

Essas pessoas montaram seus próprios negócios em Paramaribo, auxiliados por conhecidos, maridos, amigos ou contatos surinameses e se

⁷ RIBEIRO, Fernando Rosa. *The Guianas Revisited: Rethinking a region*.

⁸ Mato e cidade são formas com que os brasileiros se referem às zonas de garimpo localizadas no interior (mato) e à cidade de Paramaribo (cidade).

estabeleceram próximos uns aos outros, no local que hoje é conhecido como *Klein Belém*. O crescimento de *Klein Belém* tornou a cidade de Paramaribo atrativa para a imigração atual de brasileiros e é ainda lá que encontram oportunidades para o trabalho de “peão” (como é classificado o trabalho braçal nas máquinas e dragas), mecânica, cozinha, prostituição ou serviços gerais em outros garimpos.

A infra-estrutura de que os brasileiros se muniram na cidade e seu estilo de vida lhes permitiu acolher os recém-chegados em suas redes sociais. O investimento no comércio e sua permanência na cidade ao longo dos anos foram tomados como marcas de diferenciação entre os brasileiros, o que os tornou uma espécie de elite entre os imigrantes. Não obstante, são aqueles que vivem lá há mais tempo, possuem um modo de vida econômica e socialmente mais estável se comparados aos brasileiros recém-chegados e, assim, acabam por assumir uma posição de liderança frente aos outros imigrantes por fazerem contatos formais com surinameses – como os acordos comerciais – e as negociações e reuniões feitas com o Consulado do Brasil, por exemplo.

Luísa vê os brasileiros “todos iguais”. No entanto, percebe na convivência que, por causa de sua profissão, ela acaba sendo vista como diferente. Segundo ela, “é aí que tá a coisa”. Dessa posição “fixa”, ela acaba sendo uma referência a que as pessoas recém-chegadas tanto do Brasil como do mato recorrem. Luísa convive diariamente com grupos diversificados de pessoas, pois seu bar é ponto de encontro de muitas pessoas que moram em Paramaribo, sejam donas ou empregadas de comércio, de garimpeiros, de prostitutas ou mesmo de surinameses.

Conversando com algumas *plocs* e um garimpeiro sobre a vida dos imigrantes no Suriname, eles afirmaram a existência de quatro “classes” de brasileiros no Suriname: os comerciantes, os garimpeiros, as *plocs* e os crentes.⁹ Os crentes são os únicos que têm sua opção religiosa como sua especificidade e o mesmo não acontece com os católicos, por exemplo. Os crentes são os freqüentadores assíduos da Assembléia de Deus e Deus é Amor, as duas únicas igrejas evangélicas que realizam cultos em português no Suriname.

Essas categorias obedecem ao que é entendido como uma semelhança de interesses e de atividades profissionais. As “classes” de brasileiros, enquanto categorias próprias dos imigrantes, podem ser

⁹ *Ploc* é como são conhecidas as prostitutas brasileiras e o ato da prostituição em si. A categoria de garimpeiro como categoria diz respeito apenas aos peões, ou seja, aos trabalhadores do garimpo e não aos donos das máquinas. Há ainda aqueles que não se encaixam em nenhuma dessas categorias principais, como é o caso dos músicos, dos padres católicos e dos jogadores de futebol.

explicadas à luz do pensamento de Bourdieu,¹⁰ para quem categorias são divisões entre grupos de agentes criadas em concordância a seus desejos, interesses, posicionamentos e modos de ver e agir.

No cotidiano, entretanto, as categorias – que os imigrantes denominam classes – não são impermeáveis e estáticas, como parecem em sua enunciação. Muitos indivíduos se encaixam em mais de uma delas. Há aqueles que são crentes e comerciantes como também há peões que são crentes. Se anunciar como membro de uma classe em detrimento da outra obedece aos momentos de interação social em que variam os interesses e as audiências.

Não obstante, apesar de existirem lugares onde moram apenas *plocs* ou locais de entretenimento de peões em que crentes não vão, as pessoas freqüentam os mesmos espaços de *Klein Belém*. Ou seja, participam de uma mesma rotina e obedecem a regras consensuais e, assim, as “classes” parecem conviver de modo mais ou menos harmonizado na maior parte dos dias.

Alguns motivos confluem para que os comerciantes sejam tidos como uma elite imigrante. Pelo fato de possuírem maiores investimentos na cidade e por estarem a mais tempo no país, meus interlocutores vivem momentos e demandas específicas que os colocam em um local de fala definido, o que os delega um poder sobre os outros imigrantes e torna o jogo identitário entre os brasileiros algo complexo e intrigante.

Recorro ao pensamento de Gramsci,¹¹ sobre os intelectuais, como guia para analisar o que foi apresentado por meus interlocutores como uma definição local de elite. Os intelectuais orgânicos surgem a partir do próprio grupo social de onde ele se origina. É o próprio grupo que cria a necessidade desses intelectuais surgirem de modo a relegar responsáveis pela homogeneização e tomada de consciência do grupo sobre si mesmo.

Os comerciantes seriam intelectuais orgânicos na medida em que tomam a frente dos imigrantes na representação do coletivo junto à embaixada, em manifestações públicas promovidas pelos surinameses e mobilizam todos para festas e outras sortes de eventos. Atualmente, os comerciantes desenvolvem suas atividades a partir de sua experiência com o garimpo e a prostituição – principais atividades imigrantes e, embora não sejam os garimpeiros ou as prostitutas, eles estão ligados a esses dois sujeitos de modo indelével.

Luísa é parte dessa elite imigrante. Para ela, os brasileiros no Suriname estão em uma situação muito boa porque eles chegam e vão atrás do ouro, trabalham, ganham dinheiro melhor e mais rápido do que ganhariam como

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*.

¹¹ GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a organização da cultura*.

assalariados no Brasil. Porque eles vão ao garimpo e passados um, dois meses já compram uma casa no Brasil. E o assalariado,

sabe como é que é, né? Aí, eles vão no Brasil já comprando máquina, já trabalham. Mas, no entanto, tudo depende da sorte. Tem vezes que a ida ao Suriname nem vale a pena, devido à sorte ser pouca e não se conseguir nem ouro nem nada. Daí, é melhor estar no Brasil, ganhando o seu salário e vivendo no seu país em vez de ficar passando necessidade: sem sorte, sem ouro, sem casa, tendo que pagar diária de hotel todo dia. Aí, se tiver doente, como vai pro hospital? Principalmente se estiver ilegal. Tá doente, não tem plano de saúde, não tem dinheiro, tá ilegal no país, não vão te ajudar.

Uma interlocutora dizia que os brasileiros viviam no “chamego” com o Suriname. Ou seja, muito embora os brasileiros digam estar lá apenas pela exploração do ouro, eles permanecem no país e postergam a ida para outro lugar, revelando um desejo de integração à sociedade surinamesa.

É então que o papel dessa elite se constrói. Na medida em que a situação dos imigrantes é vulnerabilizada pela própria natureza da mineração, que guia não apenas o garimpo *in loco* como as atividades económicas urbanas, se faz importante criar mecanismos que driblem diferentes dificuldades do dia a dia e no que concerne à integração dos brasileiros.

A vulnerabilidade económica e legal dos imigrantes os coloca em posição de subordinação à sociedade surinamesa, que possui aos olhos brasileiros um poder de polícia em potencial, já que, teoricamente, lhe basta a iniciativa de se opor eficazmente à presença estrangeira e colocar entraves aos mecanismos jurídico-legais para obtenção de papéis de residência, estadia ou cidadania. Ao longo desse processo, o papel feminino e a ponte que as mulheres fazem na negociação da construção de uma identidade brasileira em processo de etnicização frente à sociedade surinamesa é algo curioso.

Ê mulher guerreira!

Luísa é maranhense e nunca o deixou de ser, mesmo tendo morado por mais de vinte e um anos fora do seu estado. Nascida em Vitorino Freire, saiu de lá muito cedo. Aos 17 anos, se casou e foi com o marido para o garimpo. Diz às gargalhadas que se casou com garimpeiro e está “procurando ouro até hoje”.

O casamento marcou o princípio de seu caminho pela região norte do Brasil, desde o Maranhão até chegar ao Suriname. O marido foi para o garimpo e ela ficou: “nova, casada”. Logo veio o primeiro filho.

As mudanças de endereço aconteciam sempre que se tinha notícia de haver mais ouro em outro estado. O marido arrumava a mala e ia à frente. Tempos depois, trazia Luísa e as crianças. Assim, foram crescendo os filhos. Antes do Suriname, ficaram em Porto Velho por oito anos. Lá, nasceram as outras três filhas. Trabalharam com ouro em Rondônia até surgir a fofoca do Suriname. Dizia-se que a fartura em terras surinamesas fazia brotar ouro do chão e que galinhas punham ovos com pedaços de ouro.

Foi aí que o marido “endoidou”. Dizia que queria ir para o Suriname e foi o que fez. Ela veio atrás logo depois e lá mesmo ficou. Enquanto ele ficava no garimpo, ela cuidava da casa e fazia comércio ambulante nos barracões e na cidade, num constante ir e vir que realizava para conciliar a vida conjugal e a criação das crianças, obrigadas a viver na cidade para poderem freqüentar a escola.

O comércio ambulante que Luísa realizava é considerado entre os imigrantes como uma atividade satélite ao objetivo inicial de sua imigração e está diretamente ligado ao garimpo e “ao ouro”. Com o tempo, Luísa começou a diversificar suas atividades e abandonou a *marretagem*. Em 2003, já separada do marido, Luísa começou a trabalhar como proprietária de um bar. Algum tempo depois, anexou ao bar sua loja de roupas e cosméticos que manda buscar no Brasil periodicamente.

Embora na cidade de Paramaribo, o comércio esteja vinculado à economia do garimpo, principalmente pela dependência do dinheiro que essa atividade movimenta e por servir como base àqueles que fazem a *marretagem*, aos poucos vem conquistando outro espaço. Os comerciantes diversificaram suas atividades e hoje são populares entre outras comunidades imigrantes e surinamesas. Além disso, em grande medida, esses imigrantes estão há mais tempo no país e, aos poucos, se tornaram espécie de porta-vozes dos outros imigrantes, estando ou não ligados ao garimpo de uma maneira direta.

Luísa, por exemplo, não está mais diretamente ligada ao garimpo. Nunca mais foi ao interior, não possui máquinas, cantinas ou qualquer tipo de negócio no mato. No entanto, seu bar e sua loja de roupas têm como público cativo os brasileiros, principalmente, os garimpeiros e *plocs* que vêm do mato periodicamente e que se hospedam ou vivem nas pensões dos arredores.

A nova vida de comerciante trouxe também o novo marido, com quem mora. Ele é surinamês e ela o conheceu logo após a separação, por intermédio de uma amiga que gostava de o levar até sua casa para ver as roupas que Luísa vendia. Além das roupas, ela aproveitava para vender uma cervejinha, o que foi um incentivo para montar o bar tempos mais tarde.

E foi então que, dessas visitas que ele fazia a sua casa e de onde sempre saía com alguma roupa nova, começaram a se gostar. Logo em seguida casaram-se. Apesar de falar pouco português, eles sempre se deram bem. Cedo, ele conquistou a confiança dos filhos de Luísa, que o aceitaram em sua casa.

E assim foi que ela fez sua vida no Suriname. Lá, apesar de ter ido por conta dos sonhos do ex-marido, foi onde criou seus filhos, onde eles cresceram, estudam e trabalham e onde hoje ela pode ter seu próprio negócio. Foi apenas aí que pôde viver uma situação de relativa independência.

Relativa porque, apesar de se desligar de uma relação específica em que tinha um papel de absoluta subordinação à figura de seu marido, construiu uma outra dimensão de dependência com o novo marido. O novo companheiro, além de representar uma estabilidade afetiva, desempenha um papel instrumental na medida em que foi através dele que conseguiu estabilidade jurídica e conseqüentemente financeira.

É interessante o modo como se combinam duas faces de uma trajetória imigrante. Ao mesmo tempo em que há o vínculo com uma figura masculina, que a levou até o Suriname, ela acabou por traçar uma trajetória própria. É como se houvesse uma combinação entre os papéis sociais femininos e masculinos, sendo ela tanto responsável pelo cuidado com a casa e com os filhos como também a chefe de lar e dona de seus próprios negócios, gerindo de modo independente sua vida profissional.

No entanto, esse momento de guinada ainda parece atrelado a uma figura masculina, que no caso de Luísa, assim como de outras mulheres, não é mais a de seus companheiros brasileiros, mas a de novos companheiros ou maridos surinameses. Esses, entretanto, não são cruciais em seus empreendimentos e aparecem como auxiliares nos processos jurídico-legais de sua instalação no país e para que seus empreendimentos económicos sejam levados a cabo.

Há uma dimensão que o sentimento de independência tem na fala de Luísa que gostaria de chamar atenção aqui. Ser independente de seus companheiros revela de certa forma uma capacidade de integração dessa mulher, assim como de outras, à sociedade surinamesa. Quando Luísa diz ter feito sua vida no Suriname soa como um grito de liberdade de uma realidade antes focada na figura masculina, geralmente encarnada pelo marido. Foi no Suriname que Luísa conseguiu se estabilizar. E isso já tem muito tempo. É lá que vem formando os filhos e que tem sua vida estruturada. A vida com uma pessoa da terra é demonstração do modo como foi bem acolhida. Por essas razões, não tem o que falar mal do país onde vive.

A percepção de Luísa como parte da elite imigrante, sobre a sociedade surinamesa, informa ideologicamente os imigrantes quanto aos caminhos apropriados a serem seguidos na construção de uma identidade e imagem coletivas. Seu conhecimento sobre a sociedade hospedeira se deu com o estabelecimento de diversas ligações com os surinameses: dividindo casas, pela relação de vizinhança, se envolvendo emocionalmente, se casando, instaurando comércio e enfrentando a burocracia do dia-a-dia para regularizar o seu comércio, para matricular os filhos na escola, para ir ao hospital.

É por sua vontade de tornar a vida imigrante mais estável e dotá-la de sentido no contexto sócio-cultural surinamês que os brasileiros, representados por essa elite urbana, dão início a uma narrativa coletiva que servirá de referência à identidade de brasileiros no Suriname.

É significativo o modo como o sucesso de Luísa está relacionado não apenas ao funcionamento e lucro de seu bar ou no casamento com um surinamês, mas no modo como seus filhos também se integram à sociedade, algo constantemente reafirmado em sua fala. E também, como podem representar bem os brasileiros como quando aconteceu uma das coisas que a deixou feliz da vida foi quando sua filha foi eleita *miss* do Carnaval de 2005.

A cena do Carnaval é reveladora também do modo como as mulheres vêm sendo agentes da negociação de uma identidade dos imigrantes brasileiros em Paramaribo. Penso que isso decorre especialmente do fato de os homens exercerem seu poder a partir do garimpo, onde estão seus interesses e de onde retiram uma idéia de masculinidade que regula a vida social e a cultura desses imigrantes. Como consequência, o espaço da cidade acaba por ser onde as atividades satélites do garimpo estão concentradas e, também, um espaço de maior atuação das mulheres e da criação e reprodução do feminino.

A presença feminina na cidade é via de contato e diálogo entre brasileiros e surinameses, por meio do comércio,¹² da prostituição, das relações de vizinhança e do casamento. E, por essa mesma razão, são elas, também, as que detêm maior conhecimento sobre o modo surinamês de pensar e viver e o comunica aos outros brasileiros.

O Carnaval é um evento que mostra o modo como as mulheres trilham seus caminhos de atuação na sociedade surinamesa para a negociação da presença brasileira nessa sociedade e a partir daí, sua

¹² As mulheres são principalmente donas de comércios menos específicos ao público brasileiro, pois são proprietárias dos supermercados, bares, lojas de roupas e salões de beleza, enquanto as lojas de maquinários e utilitários para o garimpo são de propriedade maciçamente masculina.

possível transformação em um grupo étnico-cultural, obedecendo ao acordo consensual dessa sociedade para sua própria manutenção.

“Aqui é um país que são de várias nações de gente, não é só um”

Luísa sequer imaginava como poderia ser o Suriname. Sabia apenas que era o lugar para onde o marido a estava levando. Para ela, se tratava de um país como outro qualquer, que mudava de nome porque alguém havia decidido dessa forma. Antes de chegar lá, Suriname e França (modo como os brasileiros se referem à vizinha Guiana Francesa) eram todos a mesma coisa, porque os dois eram uma “linha bem pequenininha”, que “ficava no fim do mundo”.

Logo que chegou, Luísa ficava “encabulada, de ficar: meu deus, tem tanta gente”. Viu um país de “muitas nações”, de surinameses que são “aqueles nativos da terra mesmo”, pretos, hindustanos, javaneses. Tantos tipos de pessoas, cada um com sua maneira de ser, pareceram a ela algo radicalmente diferente do que vivia no Brasil, onde só tem um povo: o brasileiro.

O modo como a sociedade surinamesa vive hoje é fruto da convivência entre diferentes grupos sociais e da incorporação do maior valor holandês do período colonial – a pilarização étnica. O colonialismo holandês, responsável por esses fenômenos migratórios e pelo estabelecimento de uma estrutura social e de pensamento, foi também incentivador para que esses grupos se re-inventassem como unidades étnicas e culturais homogêneas.

Desde o período colonial, os laços dos grupos imigrantes com suas nações de origem foram feitos de diversas maneiras, como indicam a proliferação de associações, clubes e outras organizações pertencentes aos grupos étnico-culturais. O respeito às práticas sociais, culturais e religiosas relacionadas ao seu país de origem lhes permitiu vivenciarem um outro tipo de assimilação pelo *status quo* colonial.

A transformação dos grupos sociais e imigrantes em étnico-culturais se deu com o processo de descolonização, iniciado em princípios do século XX. O passado de imigração da maior parte desses grupos lhes garantiu a aquisição de um status de surinamês sempre referente a uma ascendência, que se refletiu na construção da identidade nacional, na manutenção de sua pluralidade e na outorga a cada um desses grupos de uma identidade étnico-cultural.

Desde a segunda metade do século XX, a sociedade surinamesa firmou sobre si mesma a insígnia da pluralidade. Os grupos étnico-culturais tiveram papel de extrema importância para sua organização social, política e econômica e sofreram de modo distinto com a criação e o processo de legitimação do Estado-Nação surinamês.

Dessa maneira, a pluralidade assinala uma estrutura de pensamento sobre o Suriname, reproduzida em diferentes instâncias sociais. Nota-se que o conceito de sociedade plural, do modo como é expresso pelos surinameses, se refere menos à ordem social do que a uma poderosa idéia de sociedade que, como nos termos de Douglas,¹³ está à disposição para interpretar a experiência humana. Pode-se dizer, então, que o conceito de sociedade plural se refere ao modo como se percebe e se vive a ordem social.

No Suriname, a segmentação da sociedade conecta os indivíduos aos seus grupos e os transforma em grupos sociais reais. Suas identidades étnico-culturais podem ser examinadas a partir do que Geertz¹⁴ chama de *givens of social existence* (origem, língua, religião e costumes). Entretanto, deve-se ter em mente que, mesmo neste contexto, a identidade é construída por um processo de re-significação e deslizamento de categorias estruturais em nome do desejo e do interesse.

Ao longo dos anos, Luísa foi se acostumando com as diferenças entre os surinameses e agora sabe quem são hindustanos, javaneses, índios, pretos e chineses. Pessoas que “pode colocar uma do lado da outra que dá para reconhecer facilmente quem é quem”. Cada um desses grupos tem seu jeito de vestir, de comer, de rezar, de festejar e de se relacionar com os brasileiros.

Os modos como cada um dos grupos étnico-culturais expressa suas particularidades, por suas narrativas, festas, celebrações, comida fortalecem a idéia de sociedade plural e sua força enunciativa está no princípio de igualdade na diferença, consoante Campos França.¹⁵ Este princípio torna inteligível um contexto de diferenças entre os grupos étnico-culturais para, em seguida, enunciar sua equivalência em termos de representatividade social.

A garantia de representação de cada um dos grupos étnico-culturais é expressa em termos do balanço equilibrado e equânime entre eles e enunciada pela noção de *apanjaht*. Este termo foi cunhado da língua *hindi* e, no Suriname, foi incorporado ao pensamento social e passou a significar a própria estrutura da sociedade. *Apanjaht* significa pertencer (*apan*) a uma comunidade ou a um grupo social (*jaht*), segundo Raker e Shukla *apud* Campos França.¹⁶

Por meio do *apanjaht*, regula-se o pertencimento dos indivíduos aos grupos étnico-culturais e, conseqüentemente, à própria sociedade

¹³ DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*.

¹⁴ GEERTZ, Clifford. *Old societies and new states: The quest for modernity in Asia and Africa*.

¹⁵ CAMPOS FRANÇA, Maria Stela de. *Apanjaht: A expressão da sociedade plural no Suriname*.

¹⁶ *Ibidem*.

surinamesa. O *apanjaht* expressa o estado de equilíbrio que a sociedade plural (ilustrada pela imagem de uma balança) idealiza para seus grupos mediante a outorga de espaços de representatividade equitativa em todas as esferas da vida social. Segundo Campos França,¹⁷ os surinameses incorporaram o conceito sociológico de sociedade plural e o utilizaram para a expressão do equilíbrio e da balança social em que vivem, revelando sua peculiaridade no cenário das sociedades plurais do Caribe e das Guianas.

Fato social total, estrutura e ideologia são conceitos entrecruzados para entender-se o *apanjaht*. Como Campos França¹⁸ sugere, o *apanjaht* pode ser lido à luz do conceito maussiano de fato social total por ser o meio de expressão, tradução e ação que ativa e dinamiza o sistema social por inteiro. Ser surinamês é fazer parte de uma coletividade étnica diferenciada para se pertencer à sociedade e se ter acesso aos espaços equitativos de representatividade social e política.

A idéia maussiana de fato social total permite compreender a significação do *apanjaht* como estrutura. Ao reger estruturalmente a vida social, o *apanjaht* gramaticaliza a vida coletiva. Nesse sentido, seja pela via do seu sistema político como pela vivência cotidiana, as relações entre os segmentos étnico-culturais obedecem ao princípio do resguardo das diferenças étnicas. O esqueleto da estrutura surinamesa é o *apanjaht*. Todo o resto é aquilo que o reveste.

A estrutura é a gramaticalidade da vida social e ordena o modo como as relações entre os indivíduos são concebidas. Para Lévi-Strauss,¹⁹ as relações sociais concretas expressam a estrutura, porém a estrutura não pode ser reduzida a elas. Como um sistema de símbolos, a estrutura rege não apenas as relações como também o modo de pensar dos atores sociais.

Sendo assim, torna-se compreensível o modo como a sociedade surinamesa incorporou a realidade fabricada pelos agentes coloniais e como as relações estabelecidas entre os diferentes membros dos grupos imigrantes passaram a obedecer idealmente esta estrutura ao longo dos anos. No Suriname, cada grupo étnico-cultural mantém sua religião, sua língua, suas festas, seus monumentos e praticam a endogamia. Realço o caráter ideal dessas relações pois, o modo como esses grupos expressam seus sentimentos e pensamentos sobre tal realidade, parece mais importante que a realidade em si.

O caráter sistemático da estrutura oferece um modelo para se

¹⁷ *Ibidem.*

¹⁸ *Ibidem.*

¹⁹ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*.

pensar a sociedade. A estrutura é formada por elementos conectados de modo a constituírem modelos de ação e, portanto, criam-se brechas para transformações. É assim que, frente à estrutura e a sua realização no cotidiano, repletos de diferenças, os brasileiros não apenas refletem sobre a realidade em que estão como podem vislumbrar suas diferentes possibilidades de estarem presentes e inscritos nesta sociedade.

Por fim, compreender o *apanjaht* como uma ideologia permite entender sua carga de valor e poder dadas historicamente, por meio da qual a sociedade surinamesa agrega os diferentes ao invés de expressar-se em termos de um “nós” surinamês. Considerar o *apanjaht* como ideologia encontra repouso no cunho que Dumont²⁰ dá ao conceito: um conjunto social de idéias e valores transformados em uma consciência que é acionada pelos indivíduos na organização e sistematização do mundo concreto. A ideologia está contida na maneira como os indivíduos olham e acedem a realidade e, apesar de não constituir a realidade social em si, ela a colore e a matiza.

Sendo assim, o *apanjaht* não é algo concreto, mas uma estrutura de pensamento compartilhada pelos grupos étnico-culturais, que pode ser capturado por meio das instâncias sociológicas. Ele também é um artifício através do qual a organização e as relações sociais, políticas e econômicas na sociedade surinamesa tomam sentido, forma e dinâmica.

Desde o início de sua experiência Luísa foi tomando contato com o modo como a sociedade surinamesa está dividida em diferentes grupos étnico-culturais e como os brasileiros não estavam enquadrados nesta estrutura. O casamento com um preto intensificou não apenas o seu conhecimento sobre a sociedade como fortaleceu sua própria percepção de identidade étnica na medida em que passou a ter que negociar sua identidade de brasileira em sintonia ao que os parentes de seu marido pensavam sobre o que seria uma brasileira, que estava associado ao estereótipo de prostituta da mulher brasileira.

Para Luísa, uma das causas dessa “má impressão” das brasileiras é devido à prostituição. Muitas mulheres brasileiras vêm pra cá e “fica aí”. Mas, no entanto, têm muitas donas de casa, muitas senhoras, famílias crentes, têm muitas igrejas de brasileiro. Mas, “mais da metade que vem pra cá e aqui fica, se prostitui pra ganhar mais que lá no Brasil”.

A família do marido aceitou-a após um processo demorado para que eles se acostumassem e a conhecessem “pelo que ela é”. Eles têm esse “racismo”, mas ela deu tempo ao tempo. Foi com calma e mostrou aos

²⁰ DUMONT, Louis. *O Individualismo: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*.

poucos que ela sabia conversar, que suas filhas também sabiam se expressar. Para ela, a aceitação da família do marido é semelhante à aceitação da sociedade. Quando se sabe conversar, as coisas ficam mais fáceis. Primeiro, ela teve que entender a maneira deles, ou seja, o porquê de desconfiarem dela e da postura que assumiam devido ao fato de ela ser brasileira.

Essa declaração de Luísa revela uma parte da imigração feminina ligada à prostituição e à discriminação por parte da sociedade hospedeira. Entretanto, apesar da prostituição ser um fato sociológico importante e também um signo balizador da experiência das brasileiras na sociedade surinamesa, ela é manipulada pelas mulheres de diferentes formas.

Da interação entre os imigrantes e do seu estabelecimento no espaço constata-se a existência de um grupo de ação, unido por sua condição de estrangeiros. Sendo estrangeiros, todas as “classes” de brasileiros no Suriname que são definidas por campos de atuação profissional são englobadas sob uma mesma identidade coletiva.

No entanto, por meio dos intercassamentos e da reprodução de valores e de uma moral ligada à identidade brasileira, a mulher imigrante se tornou mediadora nas negociações de poder e identidade. Nesse sentido, parece haver, entre os imigrantes brasileiros no Suriname, uma inversão da relação de mediação que as mulheres exercem entre estabelecidos e *outsiders* do modo como foi explorada por autores como Pratt²¹ e Sahlins.²²

Nas narrativas descritas por estes autores, os *outsiders* tomaram as mulheres dos homens estabelecidos para que sua presença se firmasse em um novo contexto. No Suriname, parece ocorrer o contrário. São as mulheres dos *outsiders* que tomam os homens surinameses e deles apreendem sua estrutura de pensamento. Este conhecimento é passado aos seus compatriotas e serve como instrumento para que o grupo como um todo construa sua identidade étnica-cultural.

No momento em que constituem novas famílias, os brasileiros desordenam a sociedade surinamesa. Os intercassamentos apontam para uma nova possibilidade de trânsito social para os imigrantes brasileiros. A organização de uma comunidade brasileira contém sublimadas as forças de atração sexual que as brasileiras têm sobre os surinameses – que passa pela prostituição, pelo sexo pago e também ocupa um espaço afetivo.

Na dinâmica entre os surinameses e os brasileiros são criadas oposições imaginárias, que criam imagens tomadas como arsenais para a definição de papéis e de espaços de atuação social e, nesse sentido, os estigmas têm peso

²¹ PRATT, Mary Louise. “Yo soy la malinche”. “Chicana writers and the poetics of ethnonationalism”.

²² SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*.

importante para tal dinâmica. Tal como apontou Goffman,²³ os estigmas são atributos que desacreditam os indivíduos considerados desviantes no estabelecimento de relações sociais. E sendo assim, os brasileiros seriam potencialmente desacreditados frente os surinameses.

Esse descrédito se apresenta, por exemplo, na percepção brasileira de que, para tudo que um brasileiro faça, deva haver um surinamês que o suporte e que responda jurídica e legalmente por ele. A falta de meios jurídico-legais priva os brasileiros de terem comércio em seu próprio nome, alugar casas, entre outros; o que os coloca em uma situação de dependência de surinameses que respondam legalmente por eles. Os brasileiros vêem essa situação de dependência perante os surinameses como uma falta de confiança e discriminação por parte dos surinameses.

As concepções simbólica e prática da vida social são retro-alimentadas e desenham uma relação entre brasileiros e surinameses por meio de suas formas de inserção no mercado de trabalho. Este é, também, porta de entrada para a formação de laços comunitários e de solidariedade entre os imigrantes em contraponto à existência surinamesa e sua aparente coesão.

A etnicização do mercado de trabalho no Suriname marca as diferenças entre os grupos étnico-culturais na forma como são apreendidos pelos imigrantes. Munida desses estereótipos, pode-se dizer que no Suriname, os hindustanos possuem imóveis, lojas de eletrônicos. Os chineses são donos de supermercados e mercearias. Os javaneses possuem pequenas vendas. Os crioulos estão nos serviços públicos. Esses estereótipos permitem aos brasileiros mapear a importância que a etnicidade tem no cotidiano e na construção das identidades coletivas no Suriname e desenhar um lugar próprio dos brasileiros: o trabalho pesado, numa referência à exploração aurífera e a prostituição.

O mercado de trabalho no Suriname reflete as disputas de poder entre os grupos étnico-culturais, que, ao longo do processo de descolonização, não mais se colocaram numa relação entre brancos colonizadores e não brancos colonizados, mas em disputas econômicas e comerciais em torno do status e dos privilégios decorrentes disso. O processo de descolonização promoveu a substituição dos mecanismos de controle social e simbólico, o que veio a consolidar os grupos étnico-culturais na estrutura social e na esfera política. De acordo com Premdas,²⁴ a identidade coletiva e a solidariedade entre os grupos se manifestam nos novos modos de controle social, político e econômico, que assumem a forma de preconceitos, costumes e redes clientelistas.

²³ GOFFMAN, Erving. *Estigma*: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.

²⁴ PREMDAS, Ralph. *Ethnicity and identity in the Caribbean*: Decentering a myth.

Os conflitos cotidianos entre surinameses e brasileiros tornam visíveis essas formas de controle da estrutura pelos grupos étnico-culturais. Sendo assim, os brasileiros podem ser entendidos como uma ameaça pelo fato de assumirem cada vez mais uma agência de peso nas relações econômicas e sociais dentro de uma estrutura marcada pela instituição das diferenças dos grupos étnico-culturais, que estabelece restrições e formas de acesso a cada um desses grupos.

Volto ao conceito de estrutura de Mary Douglas²⁵ para explicitar como a estrutura contém em si mesmo o risco de transformação. A estrutura social contém zonas de instabilidade que a autora denomina margens. Essas margens têm poder de poluição sobre o centro estrutural sagrado. Por sua vez, a estrutura repreende indivíduos e coletividades de modo a assegurar sua própria continuidade. Dessa maneira, os responsáveis por sua reprodução ocupam as partes centrais. Já, aqueles cujo papel estrutural não é explícito não têm sobre si a responsabilidade de lhe dar continuidade e, dessa forma, a ameaçam por seus poderes de poluição e de desestruturação.

Essas duas abordagens auxiliam no entendimento do *apanjaht*. Por significar a estrutura social surinamesa, o *apanjaht* tem a representação igualitária entre os grupos étnico-culturais como princípio e, assim, todos devem participar de forma equânime da nação surinamesa.

Ao longo da história surinamesa, vários episódios foram tidos como ameaçadores do *apanjaht*. De acordo com a pesquisa de Campos França,²⁶ os chineses representaram uma ameaça à balança surinamesa quando começaram a prosperar comercialmente em Paramaribo. O mesmo aconteceu entre indianos e crioulos. A alta taxa de natalidade dos hindustanos superou a da população crioula, o que foi suficiente para que eclodisse a tensão entre esses dois grupos. A tensão decorreu da ameaça representada por grupos mais populosos e mais poderosos econômica e politicamente para a garantia aos outros grupos de um espaço igualmente significativo na estrutura social. Hoje, se poderia dizer que os brasileiros representam um grupo em ascensão demográfica e social na cidade de Paramaribo e, como qualquer outro, também parece uma ameaça ao equilíbrio da sociedade surinamesa.

Nos últimos anos, os brasileiros também sofreram a resposta da estrutura à presença de um elemento potencialmente transformador. No ano de 2003,²⁷ a parada de Carnaval fora organizada por uma surinamesa e uma brasileira e contava com a presença de blocos comemorativos e a realização de um concurso de rainha. O desfile e a festa aconteceram em

²⁵ DOUGLAS, Mary, *op. cit.*

²⁶ CAMPOS FRANÇA, Maria Stela de, *op. cit.*

um dos lugares de lazer mais movimentados da cidade, o *T-Vat*. Naquele ano, a vencedora do concurso para rainha foi uma brasileira. Na altura em que eu realizava a pesquisa de campo, vim a saber que a mulher era também prostituta de um clube noturno famoso.

Com a vitória da brasileira, foi armada uma grande confusão entre as pessoas que acompanhavam o concurso, indignadas com o fato de uma brasileira ter ganho o título de rainha do Carnaval no Suriname. É como se esse resultado afetasse simbolicamente o acordo estrutural da sociedade surinamesa e fosse uma afronta à representação da identidade nacional.

Lúisa não sabe explicar qual a diferença de relação entre esses grupos, mas acha que eles não se unem com a raça brasileira porque há “exatamente um problema de nacionalidade. A nacionalidade dos brasileiros não se combina com a dos surinameses”. E isso faz com que os brasileiros fiquem excluídos da sociedade.

Para mudar essa realidade, cabe aos brasileiros construir suas maneiras para serem integrados, facilitando a vida tanto na sua parcela da vida prática como simbólica, em que podem se sentir parte da sociedade surinamesa, que vêem se ajudando a construir. Esse caminho parece ser o da etnicização de sua identidade de brasileiros, usando a qualidade de brasileiros não como uma referência a sua nacionalidade apenas, mas como uma identidade étnica no Suriname. Ou seja, os brasileiros só poderão ser parte dessa sociedade se conseguirem entrar na estrutura étnica plural e compartilhar do *apanjhat* como valor máximo da vida surinamesa.

É nesse caminho da etnicização que as mulheres exercem um papel de destaque. Elas são aquelas que apreendem a estrutura de pensamento e a força dos grupos étnico-culturais para a manutenção da sociedade surinamesa e a difundem entre os brasileiros. O fazem não apenas pela formação de famílias, como também, pelas relações comerciais e de vizinhança.

Um bom exemplo desse caminho de etnicização e do papel feminino é o Carnaval, que a cada ano vem se tornando parte dos eventos comemorativos no país e que toma a simpatia de diferentes grupos. Este evento, no entanto, é algo pensado e liderado por mulheres brasileiras e os homens atuam apenas como realizadores de tarefas, sem algum peso decisório. Desde a decisão de criar o evento até os acertos da organização de horários e enfeites, tudo é feito por um grupo de mulheres brasileiras em acordos e parcerias com alguns surinameses.

²⁷ Esse evento foi presenciado por Campos França na altura em que realizava sua pesquisa de doutorado.

O Carnaval marca o desejo dos brasileiros em serem reconhecidos e integrados à sociedade surinamesa e faz com que busquem meios de delimitar claramente uma fronteira, por meio da criação de uma essência coletiva. Surge como possibilidade de criar uma referência à existência e presença dos brasileiros e a cada ano vem se tornando uma data fixa no calendário nacional.

Uma análise breve do calendário nacional oficial indica as diversas instâncias em que os grupos devem estar representados. As datas comemorativas dizem respeito a momentos importantes de suas narrativas ou de sua memória de uma nacionalidade originária. O calendário celebra tanto datas importantes na cultura cristã, caso do Natal, como dias religiosos muçulmanos. Além disso, datas de outros calendários – como as passagens de ano chinês e hindu – são incorporadas ao calendário oficial, resguardando a importância de serem mantidas as referências à ascendência nacional dos grupos étnico-culturais.

Luísa começou a se engajar no Carnaval convidada pela dona do bar Bacana, que tem a obrigação com o dono do *T-Vat*, um complexo de entretenimento em uma área turística da cidade, de realizá-lo anualmente. Na brincadeira, Luísa formou um grupo que acabaram tendo a rainha do bloco eleita a rainha do Carnaval.

A garantia de pertencer de modo equânime à estrutura social é assegurada a todos os grupos étnico-culturais, lhes sendo outorgados o direito e o dever de expressão pública de suas diferenças. É imprescindível que os grupos étnico-culturais se vejam representados de modo equânime para que a balança da sociedade plural não perca seu equilíbrio.

O Carnaval, como pude presenciar, foi um modo de os imigrantes manifestarem uma forma de estar e ser brasileira e de se apresentar aos surinameses, expressando abertamente uma vontade de reconhecimento e inserção. A parada de Carnaval de 2005 é um bom exemplo do jogo sutil da identidade e do processo de identificação.

Ao longo dos anos, o evento tem tomado maiores proporções. Inicialmente, era apenas uma pequena comemoração feita entre os poucos brasileiros que moravam na cidade, os funcionários da embaixada e da empresa de aviação que em meados da década de 80 funcionava no país. Desde o princípio de 2000, o Carnaval vem sendo realizado com o apoio de empresários surinameses e brasileiros e cresceu não apenas o número de participantes entre os brasileiros como também de participantes surinameses, que organizam seus próprios blocos e escolhem suas candidatas à rainha.

Sua intenção em promover o Carnaval brasileiro se dá não pela festividade, mas como um modo de realizar uma ponte entre brasileiros e

surinameses. Isso faria também com que uma expressão cultural que, na ideologia nacional, é típica entre os brasileiros se tornasse conhecida entre os surinameses e fosse inclusa no leque de festas e comemorações dos grupos étnico-culturais.

No sábado à tarde, os blocos brasileiros se concentraram na Praça da Independência, ao lado do Forte Zeelândia, enquanto os grupos surinameses esperaram pelo início do desfile ao longo da *Henk Aaronstraat*. O Forte, assim como a Praça e as ruas vizinhas, tem grande apelo simbólico na paisagem urbana e para a memória do país. O Forte Zeelândia é o marco de origem da cidade de Paramaribo, fundado e mantido pelos colonizadores. Ele simboliza, além da origem, a dor dos escravos e outras vítimas das truculências do sistema colonial.

O Forte está na Praça da Independência (*Onafhankelijkheidsplein*), onde também são localizados: a Assembléia Nacional, o Palácio do Governo e o Ministério das Finanças, todas construções remanescentes do período colonial. A praça é uma grande área verde que tem no seu centro a bandeira do país e dois monumentos em homenagem a líderes políticos, Johan Adolf Pengel, representante crioulo, e Jagernath Lachmon, representante do grupo hindustano. Foi nesse espaço que se comemorou a independência do país e que hoje também é utilizado pela população para diferentes atividades – exposição de pássaros silvestres, fotos de casamento, festas populares.

Naquele sábado à tarde, era o Carnaval que ocupava a praça. Ao ocupar o lugar que pertence ao outro, surinamês, os brasileiros pretendem que sua experiência seja reconhecida. Ir à Praça da Independência é uma busca por essa ocupação, por mostrar aos surinameses que eles, brasileiros, são um grupo e desejam transformarem-se em étnico-culturais.

Com o começo do desfile, os blocos comandados pela organizadora do Carnaval se encaminham junto com seus respectivos carros de som e rainhas para a parte detrás da praça. O desfile é aberto por blocos locais e fechado pelos blocos e carros brasileiros. A população participa intensamente e cada grupo étnico está devidamente representado durante o desfile. Carros e blocos de empresas locais, como o da *Latinsur*, que tinha a única candidata surinamesa a rainha, e da Escola de *Ballet* da Marlene, venezuelana que fundou a escola em 1975 também participam do desfile sem nenhum tema em especial.

Enquanto os blocos esperavam para entrar no circuito de desfile (os blocos brasileiros ocupavam a parte mais visível, exatamente na frente do forte Zeelândia ao contrário dos blocos surinameses que estavam espalhados pela *HenkAaronstraat*). A excitação era grande, todos bebiam, cantavam, tocavam cornetas, jogavam confete e serpentina e finalizavam

os preparativos: distribuía as camisetas, as fantasias e verificavam suas rainhas. Os blocos deveriam dar a volta na praça até entrar na rua do *T-Vat*, iriam até a frente do hotel e cassino *Torarica* – tido como o mais luxuoso da cidade – e voltar até a praça do *T-Vat*, onde estava montado o palco para o concurso das rainhas e os shows programados para aquela noite. O bloco do bar da Luísa fechou o desfile. A maior parte do bloco era formada por prostitutas e garimpeiros que freqüentam o seu bar e moram nos hotéis da redondeza, além de alguns amigos, da dona da central de rádio que divide a casa em que está o bar, entre outras pessoas.

Na praça do *T-Vat* estava montado um palco onde duas bandas: uma brasileira, *Banda Beijo Molhado* e outra surinamesa, *South South West*, uma das mais famosas do país, tocaram a noite inteira. As bandas brasileiras abriram a festa, tocando desde marchinhas de Carnaval até sucessos de carnavais passados, principalmente músicas de bandas baianas. A organizadora sugeriu que não se tocasse o brega e o forró durante o evento para que se marcasse a especificidade da data e da festa.

Muitos brasileiros dançavam por toda a rua e principalmente na frente do palco, onde esperavam ansiosos pelo concurso de rainha. Cada bloco torcia por sua candidata à rainha com gritos e faixas. Muitos surinameses e holandeses participavam ativamente gritando e torcendo pelas candidatas de sua preferência.

Houve uma primeira apresentação em que cada candidata dançava brevemente para o júri e o público. Apenas três das candidatas foram escolhidas para a fase final, que aconteceu minutos depois. A surinamesa foi eliminada logo na primeira apresentação, o que foi tido como óbvio para alguns observadores ao meu lado. Cada uma teve uma música diferente para se apresentar. O prêmio para a primeira candidata era uma passagem de ida e volta para Belém do Pará, com direito a acompanhante.

A vencedora do concurso foi uma brasileira, patrocinada por uma empresa surinamesa. Algumas empresas patrocinadoras tinham também blocos de foliões surinameses e cada um, sua representante à rainha. A vencedora do concurso era cunhada da organizadora do evento e foi por ela indicada para representar esse bloco.

Com o fim do concurso, a vencedora passeou pelas outras festas de Carnaval que aconteciam pela cidade para se apresentar e tirou fotos para o jornal local. À meia-noite, a banda brasileira cedeu lugar para a banda local e os brasileiros também abandonaram a festa rumo a outras festas de Carnaval. Os surinameses por sua vez continuaram no *T-Vat*, dançando e bebendo até mais tarde. Porém já não havia tanto tumulto como antes.

O Carnaval enquanto uma manifestação que estabelece um diálogo

com a sociedade local mostra a demanda de reconhecimento da identidade brasileira no Suriname e os esforços para se mostrar étnicos e abrir caminho para sua incorporação na estrutura. A entrada em um espaço de tamanha importância simbólica para o Suriname e para a manutenção de sua ideologia da igualdade é a oportunidade de os brasileiros mostrarem o que “na verdade” eles são.

Ao fazê-lo, os brasileiros estabelecem um lugar de identificação coletiva, que, pode ser entendido como um “espaço de cisão”, de acordo com Bhabha,²⁸ na medida em que há um rompimento eventual da dicotomia entre os surinameses, estabelecidos, e os imigrantes, *outsiders*. Nesse momento, os brasileiros se tornam protagonistas de um evento coletivo e ditam as regras de como a festa deverá transcorrer.

O Carnaval é o momento em que deixam o espaço circunscrito de *Klein Belém* e que, simbolicamente, rompem a dependência e a subalternidade frente os surinameses. Nesse momento também, superam brevemente o estigma de *plocs*, de peões e de estrangeiros.

Na ocupação da Praça da Independência e do *T-Vat*, os brasileiros não o fazem de maneira discreta. São as grandes estrelas, os que fecham o desfile, que comandam a festa e os que elegem rainhas. Fazem questão de se afirmar como brasileiros, que no processo de reinvenção de sua identidade reiteram uma identidade e um estigma que são construídos sob o olhar dos surinameses, e, assim, subvertem simbolicamente sua posição marginal. E ao reiterar sua identidade de brasileiros e ocupar um espaço simbólico pertencente ao outro, os imigrantes mostram seu desejo em ocupar um lugar na estrutura social surinamesa, simbolizada na Praça da Independência, que, a exemplo dos outros grupos surinameses, também possuem uma data comemorativa que os represente.

“Sou brasileira, mas um pé brasileira e um pé surinamesa”

O Suriname virou a casa de Luísa porque inclusive é lá que tem marido, filhos, casa própria, tudo. Acostumou-se. Agora vê o Suriname como vê o Brasil. Por onde anda, todo mundo a conhece, todo mundo a respeita. E todo mundo confia nela, na sua pessoa, na sua capacidade de ser. E para ela, o Suriname se tornou um pedacinho do Brasil, em que vê todos como iguais.

Logo que chegou tinha dificuldades porque não sabia se comunicar. E isso fazia os produtos encarecerem para ela e para os outros imigrantes, por exemplo. As coisas só foram um pouco mais fáceis para ela porque já tinham

²⁸ BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*.

peças para lhe “adiantar as coisas”. O marido estava lá havia um ano e lhe ensinou todo o básico para ela não passar necessidades. Ela escrevia em um caderninho tudo o que ela deveria saber como falar e como pedir para que pudesse fazer as compras e se virar no dia a dia. Ele falava e ela escrevia na “língua” dela, de um jeito que ela ia saber falar para a pessoa entender. “Ele dizia: tu vai comprar óleo, farinha, arroz, tu escreve (...)”. Então, ela colocava do jeito que falava para a pessoa entender.

Isso fez ser apenas um pouco difícil, o que foi rapidamente contornado pela sua dedicação em aprender rapidamente o principal, o que “pudesse ajudar”. Botou logo na cabeça que “tinha que entender coisa a ser entendida”, que seria necessário no seu dia-a-dia. E assim foi, que até hoje ela “tá nessa”.

Enquanto ela não sentiu necessidade de aprofundar seu conhecimento da língua dos surinameses e continua só falando o “taki-taki”²⁹, seus filhos já falam três ou quatro idiomas. Por enquanto, falar o *sranatongo* é suficiente para que ela possa resolver todos os problemas do dia a dia e seus negócios. Ela resolve tudo com o que aprendeu escutando e escrevendo. E assim sobreviveu por onze anos. E até agora, tudo é maravilha. Quando sai, com um mês, dois meses, já quer voltar correndo de volta. Quando as crianças eram pequenas, ela corria atrás. Sofria. “Eu sofria, tinha que correr atrás, procurar pessoas pra traduzir, ajudar até que acabou o problema”. Hoje, os filhos já são maiores de idade e resolvem tudo pra ela. Então, ela vai vivendo como se estivesse lá no Brasil.

A experiência de Luísa é um retrato da imigração brasileira até à cidade de Paramaribo, e, em especial, do modo como as mulheres a realizam e protagonizam o processo de construção de uma identidade étnica, instrumento de negociação para a integração dessas pessoas à sociedade surinamesa. Não obstante, é o retrato de uma imigração feminina que encontra no estrangeiro uma espécie de liberdade e independência.

Bibliografia

- AROUCK, Ronaldo. Brasileiros na Guiana Francesa. “Novas migrações internacionais ou exportação de tensões sociais na Amazônia?” *Lusotopie* 2000, p. 67-78.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1998.

²⁹ *Taki taki* é como vulgarmente é denominado o *sranantongo*, língua falada pelos surinameses, em especial no interior do país.

- CAMPOS FRANÇA, Maria Stela de. *Apanjaht: A expressão da sociedade plural no Suriname*. Tese de Doutorado defendida – Departamento de Antropologia – Universidade de Brasília, 2004.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo* Lisboa: Edições 70, 1991.
- DUMONT, Louis. *O Individualismo: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- GEERTZ, Clifford. *Old societies and new states: The quest for modernity in Asia and Africa*. New York: The Free Press, 1963.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- PRATT, Mary Louise. “Yo soy la malinche”. “Chicana writers and the poetics of ethnonationalism”. *Callaloo*, v. 16, n. 4, 1993, p. 859-873.
- PREMDAS, Ralph. *Ethnicity and indentity in the Caribbean: Decentering a myth*. Working Paper 234, 1996.
- RIBEIRO, Fernando Rosa. *The Guianas Revisited: Rethinking a region*. Paper apresentado na Conferência Globalisation, Diaspora and Identity Formation: The legacy of slavery and indentured labour in the Caribbean. Organizado pela Univeristy of Suriname, Paramaribo, 2004.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.